

A GAIVOTA

HÉLIO JOSÉ GUILHARDI

É um fotógrafo amador. Agacha-se, quase se deita no chão nas tentativas de obter um melhor ângulo para a foto.

— Você gosta de fotografar flores?, perguntei-lhe.

— Estou tentando, mas o tempo nublado não me deixa captar o brilho das cores... Ao vivo, estas florzinhas têm cores intensas; na foto ficam “apagadas”!, respondeu.

— Mas ganhei minha madrugada, completou ele. Veja só a foto que tirei da gaivota voando!

Mostra-me a imagem do pássaro flanando. De fato, a ave está soberba: as asas plenamente abertas e alinhadas... parece um atleta saindo da academia exibindo os braços musculosos... você sabe como é! Um esbanja narcisismo; a outra simplesmente flutua no ar, insciente a qualquer admiração alheia.

A imagem registrada na câmera é um reforço natural para o vitorioso fotógrafo. Não parou por aí.

— Fiquei mais de meia hora tentando. É difícil enquadrar, acertar o foco e “pegar” as asas abertas. Bati umas trinta fotos; só essa ficou como eu queria. Valeu ter vindo à praia. As flores ficam para um dia de sol...

Quais os princípios comportamentais que estiveram presentes no episódio narrado? Pela história do fotógrafo, pode-se dizer que seu comportamento de fotografar vem sendo mantido num esquema de reforçamento intermitente de razão variável. Alguns “cliques” produzem imagens que não lhe são reforçadoras (extinção). Foi o caso das tentativas frustradas de fotografar as flores e as fotos nas quais as aves não ficaram “bem na cena”... Outros poucos “cliques” produzem imagens que lhe são reforçadoras (reforços positivos).¹

Nosso fotógrafo não se bastou com os reforços naturais dos comportamentos de fotografar (a foto que lhe agradou). Assim, ao tomar a iniciativa de comentar as dificuldades de fotografar a gaivota e de me mostrar a foto vencedora, ele produziu reforços positivos arbitrários, que foram meus comentários.

¹ Alguns podem argumentar que se trata de procedimento de punição: a foto “ruim” seria um evento aversivo. Minha análise propõe que as respostas de “clicar” que produzem fotos “ruins” não são reforçadas positivamente, exatamente como ocorre na extinção: a pressão à barra não produz reforço positivo. É provável que toda resposta que não produz reforço – como é o caso do procedimento de extinção com sujeito experimental – produza alguma condição aversiva, mas não se encontram na literatura operante argumentos a favor de considerar a não apresentação do reforço positivo – procedimento de extinção – como exemplo de punição positiva. Adicionalmente, as respostas de “clicar” que produzem fotos “boas” (reforço positivo) ocorrem em razão variável. No conjunto, o procedimento melhor caracteriza um esquema de reforçamento intermitente (razão variável). Alguém pode argumentar que a foto “ruim” é uma consequência aversiva produzida por algumas respostas de “clicar”. Nesta alternativa, seria um exemplo de punição positiva.

Essa é uma boa maneira de viver... comportar-se de modo a produzir reforços positivos gerados exclusivamente pelo comportamento emitido. É uma maneira de se bastar... Adicionalmente, apresentar comportamentos sociais que produzem reforços (arbitrários) vindos do outro. É uma boa maneira de conviver com os iguais, importante fonte de reforços e de bons sentimentos.